

## ENTREVISTA COM KATIE ELLIS

*KATIE ELLIS INTERVIEW*

*ENTREVISTA A KATIE ELLIS*

**REGIANE LUCAS GARCÊZ<sup>1</sup>**

Data da entrevista: 04/12/2021  
Publicação: 22/12/2021

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutora, mestre e jornalista pela mesma universidade. Integrante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, participa como pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Mídia e Esfera Pública (EME).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0620-6566> E-mail: [regianelucasgarcez@gmail.com](mailto:regianelucasgarcez@gmail.com)

---

*“Precisamos desenhar nossa pesquisa em conjunto com a comunidade das pessoas com deficiência para garantir que estamos fazendo as perguntas para as quais eles desejam respostas”.*

Katie Ellis é professora e pesquisadora do Departamento de Estudos de Internet e Diretora do Centro de Cultura e Tecnologia da Universidade de Curtin, Austrália. Suas pesquisas dedicam-se a articular mídia e deficiência numa perspectiva que se estende tanto à representação quanto às possibilidades ativas de inclusão social. Ela tem trabalhado com pessoas com deficiência na comunidade, no governo e na universidade, e publicado amplamente na área de deficiência, televisão, internet e redes sociais.

Atualmente, Katie Ellis é uma das principais referências na área de mídia e deficiência. Publicou os seguintes livros: *Disabling Diversity* (2008), *Disability and New Media* (2011 com Mike Kent), *Disability, Ageing and Obesity* (2014 com Debbie Rodan e Pia Lebeck),

*Disability and Popular Culture* (2015), *Disability and the Media* (2015, com Gerard Goggin), *Disability and social media* (2017 com Mike Kent), *Disability and Digital Television Cultures* (2019) e *Trauma and Disability in Mad Max: Beyond the Road Warrior's Fury* (2019 com Mich Broderick).

**PERGUNTA REVISTA CM:** Querida Katie, é um prazer contar com sua participação em nosso dossiê temático *Comunicação, acessibilidade e representação de pessoas com deficiência*, da Revista Culturas Midiáticas. Em seus estudos sobre mídia e deficiência, você argumenta que os *media* têm potencial para a inclusão social, mas que as plataformas podem “replicar a falta de acessibilidade e as atitudes discriminatórias que as pessoas com deficiência experimentam cotidianamente offline, particularmente nas redes sociais” (2017, p. 2). Na sua avaliação, a desigualdade na acessibilidade offline é maior do que online? Quais os fatores que precisam ser considerados?

**RESPOSTA KATIE ELLIS:** Há falta de acessibilidade em todos os lugares. Eu não acho que seja mais offline do que online, mas penso que tivemos a oportunidade de tornar os ambientes digitais mais inclusivos e acessíveis para pessoas com deficiência, mas não necessariamente fizemos isso. Na citação que você mencionou, eu estava tentando chamar a atenção para as maneiras como atitudes capacitistas e ambientes inacessíveis são replicados online e especialmente nas redes sociais. Por exemplo, pessoas com deficiência são ridicularizadas em grupos de mídia social, elas estão sujeitas a crimes de ódio transmitidos online e representações populares que consideram as pessoas com deficiência apenas como fontes de inspiração são repetidas continuamente. Ao mesmo tempo, a tecnologia nem sempre está acessível por meio das tecnologias assistivas que algumas pessoas precisam para acessar ambientes digitais, como leitores de tela e software de ampliação. Ou, como argumento com

Mike Kent em nosso livro *Disability and New Media*, a tecnologia é apenas disponibilizada depois que pessoas com deficiência e seus aliados defendem que isso aconteça.

**P:** Recentemente houve um crescimento dos estudos em mídia e deficiência. Alguns pesquisadores identificam a emergência de um novo campo de estudos chamado *Estudos de Mídia e Deficiência*. Quais são as principais características desse campo e as perspectivas futuras?

**R:** Em meu trabalho nos *Estudos de Mídia e Deficiência* vejo três áreas que se cruzam para criar um ambiente de mídia ou mais incapacitante ou mais facilitador. Em primeiro lugar, tratam de questões relacionadas às representações da deficiência na mídia, portanto, como as pessoas com deficiência são representadas de maneiras específicas. Isso é estereotipado? Quais são as opções disponíveis para os personagens com deficiência nas narrativas da mídia? E como isso afeta o modo como as pessoas com deficiência são vistas no dia a dia. Parte dessa discussão deve abordar também se as pessoas com deficiência trabalham na mídia e qual o tipo de impacto disso.

Em segundo lugar, *Estudos de Mídia e Deficiência* fazem perguntas sobre o acesso. Trabalho muito em televisão, por exemplo. A televisão como meio audiovisual presume um tipo específico de audiência, tipicamente aquela que se pode ver e ouvir. Entretanto, existem diferentes maneiras de acessar a televisão, seja por meio de legendas ou de audiodescrição. Quando as legendas e a audiodescrição não estão disponíveis, isso diz algo sobre o tipo de audiência que as emissoras e os governos valorizam. Ser excluído do acesso à televisão é ser dispensado de grande parte da vida social.

Por fim, e relacionado ao que foi dito acima e ainda mais durante a pandemia de Covid-19, os *Estudos de Mídia e Deficiência* devem considerar a comunicação. Recentemente, tenho feito pesquisas sobre a comunicação durante as coletivas de imprensa sobre COVID-

19 e se recursos de acessibilidade, como Língua de Sinais e legendas estão incluídos, se as pessoas com deficiência parecem ser reconhecidas como parte da audiência. Durante uma pandemia, a comunicação direta e clara é essencial e, para as pessoas com deficiência, deve ser em uma gama diversificada de formatos. Na Austrália, onde moro, não havia estratégia de comunicação para pessoas com deficiência até um mês após o início da pandemia. Como resultado, os líderes comunitários começaram a usar a mídia social como um canal não oficial de comunicação para garantir que as pessoas com deficiência recebessem as orientações de saúde corretas.

**P:** Compreender como a deficiência é definida é uma discussão central dos *Estudos da Deficiência (Disability studies)*, particularmente por meio dos modelos de deficiência. Como os *Estudos de Mídia e Deficiência* na mídia dialogam com as discussões mais contemporâneas dessas pesquisas?

**R:** Cada vez mais, muitas outras áreas dos estudos sobre deficiência estão reconhecendo a importância da mídia digital para quase todos os aspectos da vida e, portanto, os *Estudos de Mídia e Deficiência* podem dialogar de forma muito eficaz com outros pesquisadores especialistas em deficiência. Olhando para a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, por exemplo, e novamente conforme descobrimos durante a pandemia de COVID-19, uma série de direitos humanos conquistados podem agora ser acessados digitalmente. Falei sobre isso em meu livro *Disability and Digital Television Cultures* e meu colaborador Gerard Goggin também abordou isso em seu trabalho – a Convenção enfatiza a importância dos direitos digitais e do design universal.

**P:** Em um estudo publicado recentemente, você e Gerard Goggin alertam sobre o impacto da pandemia de Covid nas vidas das pessoas com deficiência. Qual é o papel da mídia neste contexto?

**R:** Eu já abordei isso um pouco durante a entrevista. A pandemia de COVID-19 teve um impacto real na vida das pessoas com deficiência. A comunidade das pessoas com deficiência experimentou desvantagens muito maiores, como mencionei antes, quando foram deixadas de fora das mensagens sobre saúde. Ao mesmo tempo, na rápida mudança para ambientes online como resultado das quarentenas e das normas de permanência em casa, os locais de trabalho, escolas, assistência médica, etc. foram completamente redesenhados de acordo com o que a comunidade das pessoas com deficiência têm reivindicado há muito tempo.

**P:** Como fazer pesquisa sobre mídia e deficiência sem “falar em nome” das pessoas com deficiência?

**R:** Pessoas com deficiência precisam ser incluídas em todos os níveis. Precisamos co-projetar nossa pesquisa com a comunidade das pessoas com deficiência para garantir que estamos fazendo as perguntas para as quais eles desejam respostas. Também precisamos pensar sobre como estamos ensinando os estudantes de mídia e garantir que isso seja completamente acessível e inclusivo. Os futuros profissionais de mídia precisam se envolver com pessoas com deficiência e com questões da deficiência desde o começo da vida universitária.

## COMO CITAR ESTA ENTREVISTA

GARCÊZ; Regiane Lucas. Entrevista com Katie Ellis. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 15, pp. 38-43, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v15n.61593>.